

# ○ ALFINETE

CID

REGIS ANTÔNIO DUARTE GONÇALVES

4º ano do Curso de Ciências Sociais da Faculdade  
de Filosofia e Ciências Humanas

De meus olhos se alheia  
tão magro objeto  
Fina  
penetrante  
úlceras de ferro

Medindo-o de ângulos  
diversos  
mais êle se adelga.

E fulge em sua massa  
como estilete  
fácil de mover-se.  
Seu estilo reto.

Agulha prateada  
ferindo o escuro  
ventre  
dos olhos.  
Pronto a romper-se  
em estilhaços.

Como sol que funde  
todo o universo  
quando explode  
naquilo que penetra.

O alfinete boia  
na espuma de  
seu pêso.  
Cheio da inquietude  
de uma tal cabeça.

Ponto  
e  
linha  
imaginários  
o alfinete ausente  
de qualquer contrário.

Fere indiferente  
o ódio  
a dor  
o ovário  
o ventre  
o ar-semente.

O alfinete cheio  
por si mesmo  
e simples  
fino e infinito.

O alfinete alfa  
início da linguagem  
Assim  
o ser mais lógico  
e como tal  
o óbvio.